

GERONTOPHILIA: O Des/governo das Idades em uma Cena Diferente

Arthur Daibert Machado Tavares
*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do geni – estudos de gênero e sexualidade.
Bolsista CAPES.
arthurdaibert@gmail.com*

Fernando Altair Pocahy
*Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Coordenador do geni – estudos de gênero e sexualidade.
fernando.pocahy@gmail.com*

Simpósio Temático nº IV – ARTE, GÊNERO E SEXUALIDADE: GRAMÁTICAS DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIAS DISSIDENTES

RESUMO

Este ensaio experimenta uma cartogeanologia do presente a partir de um filme de Bruce LaBruce: *Gerontophilia* – obra insurgente, cena diferente, sobre a/na trama das paixões intergeracionais e homoeróticas. O objetivo deste texto é acompanhar algumas das formas contemporâneas do governo das idades e da produção da diferença, ao mesmo tempo em que ocupa-se em analisar linhas de fuga agenciadas face às operações biopolíticas da sexualidade que cercam a experiência vibrátil entre a velhice e a juventude. Os resultados desta experimentação com o filme apontam para os efeitos normativos que tentam tutelar e regular a experiência política e cultural das gerações e dos corpos. Os pressupostos ético-epistemológicos desta problematização encontram-se em aproximação com abordagens discursivos-desconstrucionistas que se movimentam pelo cinema e pelos estudos de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Homoerotismo, Velhice, Juventude, Cinema, Sexualidade.

ABSTRACT

This essay experiments a cartogeanology of the present from a movie by Bruce LaBruce: *Gerontophilia* – insurgent work, different scene, about/in the machination of intergenerational and homoerotic passions. The aim of this text is to track some of the contemporary forms of the government of ages and the production of difference, while analyzing lines of flight assembled in the face of the biopolitical operations of sexuality that surround the vibrant experience between old age and youth. The results of this experimentation with the movie point to normative effects that attempt to tutor and regulate the political and cultural experience of generations and bodies. The ethical-

epistemological assumptions of this problematization are in approximation with discursive-deconstructionist approaches that move through cinema and through gender and sexuality studies.

Keywords: Homoeroticism, Old age, Youth, Cinema, Sexuality.

INTRODUÇÃO: A *TRAMA DAS IDADES*

Quais são as nossas margens de liberdade na trama das idades (da vida) e da sexualidade? Quais corpos são considerados desejantes, desejáveis e portadores do direito à cidade, à cidadania? O que está em cena na agonística da experimentação das idades e das gerações? A quais normas, formas de tutela e de regulação estaria submetida (em todo caso, enredada) a experiência política e cultural das gerações e dos corpos? Que regimes de verdade se movimentam nas relações intergeracionais? Quais seriam às margens de diferenciação – devir – im/possíveis quando se produzem relações dissidentes de gênero e sexualidade na intersecção com as idades? E quais expressões e imagens dissidentes são passíveis de representação e reivindicação em espaços – acadêmicos, culturais – potencialmente contestatórios e críticos? Esses espaços e tempos têm desafiado as normas inter/geracionais? Como? Vem sendo possível agenciar linhas de fuga face às operações biopolíticas da sexualidade, do gênero e da raça que cercam a experiência vibrátil entre a velhice e a juventude?

Partindo dessas perguntas, sem pretensão de esgotar suas possíveis cenas de debate, nossa proposta é provocar a emergência de afetos outros em torno das relações de gênero, raça, sexualidade e idade em produções ético-estético-políticas e epistemológicas diferentes – em movimentos de diferir, em circulação e produção de subjetividades não obedientes. Para colocar em questão algumas das formas contemporâneas do governo das idades e da produção da diferença, este ensaio experimenta uma cartogeanologia do presente a partir de um filme de Bruce LaBruce: *Gerontophilia* (2013) – obra insurgente, cena diferente, sobre a/na trama das paixões intergeracionais e homoeróticas. Nosso arranjo ético-epistemológico e metodológico recorre para isso a uma aposta nas cartogelealogias do presente, como

(...) possibilidade de traçar as linhas que constituem o regime de materialidade de um enunciado, redefinindo as suas possibilidades de (re)inscrição e legitimidade nos jogos de poder-saber (FOUCAULT, 1979/1999b) e aquilo que nos coloca em uma posição de dobra, uma

inflexão ética – o dentro-fora de nós mesmos na relação com o mundo – *in mundo*. (POCAHY, 2020, p. 15)

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que acompanhamos nossa afecção enquanto espectadores, habitantes de uma película (POCAHY, 2020), tomamos e somos tomados por *Gerontophilia*, filme lançado em 2013, como um meio para pensar o presente. De que maneira nos constituímos enquanto sujeitos (jovens, velhos, heterossexuais, homossexuais) ou recusamos determinadas posições – ou teríamos condições e meios para tal? Nossa aposta é não tanto contar sua narrativa “completa” ou seguir qualquer linearidade, o que de todo modo não seria possível no espaço deste texto – traremos apenas alguns lances que nos mobilizam. Nossa ideia também não é analisar propriamente o filme ou transformá-lo em mero objeto de estudo, o que poderia acabar por sobrecodificá-lo com a teoria, abafando a experiência. Nossa proposta é buscar seus efeitos em nós – com sua fotografia, seu som, seus planos – e as problematizações que podemos produzir nesse encontro com uma cena diferente – algo que faz diferir:

A questão que movimenta o desejo de experimentar o encontro cartográfico e genealógico é acompanhar fluxos de produção de modos de sentidos e novas semióticas do desejo, ali onde algo nos permite localizar as práticas e operações que informam como os sujeitos são constituídos (como são governados e como governam a si mesmos) considerando-se os jogos de verdade que produzem significações para o corpo e o gênero, a sexualidade, a raça e a idade. (POCAHY, 2020, p. 16)

As questões em tela que nos movem foram impulsionadas por ao menos três contextos de leitura e encontros, realizados virtualmente ao longo do segundo semestre de 2021 e que nos convidaram a uma experimentação com filmes – imagens outras – heterotopias – que relançam apostas e problematizações sobre corpo, geração e erotismo. Esses agenciamentos vêm se produzindo no grupo de pesquisa *geni – estudos de gênero e sexualidade*, através da pesquisa intitulada “Gênero, sexualidade e envelhecimento: problematizações interseccionais sobre a produção e o (auto)governo da diferença nas práticas da educação em saúde” (financiada pelo CNPq e pela FAPERJ), espaço-tempo que nos mobiliza à condução de uma disciplina nomeada *Corpo, gênero e sexualidade: intersecções com o envelhecimento* e de um projeto de extensão, em formato de grupo de estudos, chamado *Gênero, sexualidade e envelhecimento*, dirigido a profissionais da saúde, da educação e da assistência social.

A velhice é um tema poucas vezes levantado em discussões de gênero e sexualidade – até mesmo academicamente as pesquisas sobre isso são bastante recentes, acompanhando as perspectivas feministas no Brasil desde idos anos 1980, mas as perspectivas das dissidências sexuais somente a partir da primeira década dos anos 2000 (POCAHY, 2019). Mesmo que exista o reconhecimento de que a expectativa de vida de travestis, pessoas trans e pessoas negras, especialmente as mais pobres (MENEZES, 2019), é consideravelmente menor do que a do restante da população no Brasil, que é também o reconhecimento da necessidade de lutar por uma redistribuição mais justa do direito à longevidade (GULLETTE; TATO, 2010), raramente imaginamos coletivamente que velhices queremos (ou poderemos – especialmente considerando-se os efeitos do racismo e da cisheteronormatividade) viver, se é que queremos, ou pensamos em como vivem hoje as pessoas mais velhas. É algo que costuma ser posto como um problema individual, às vezes familiar, de todo modo privatizado (DEBERT, 2013), que raramente é tratado como uma urgência política ou com interesse epistemológico e estético. Por isso, os pressupostos desta problematização encontram-se em aproximação com abordagens discursivos-desconstrucionistas que se movimentam pelo cinema e pelos estudos de gênero, raça e sexualidade, mas com atenção especialmente voltada ao marcador etário.

A análise em tela foi estimulada a partir do título do filme, *Gerontophilia*, de onde irradiam as cenas e as problematizações. Uma breve história da emergência desse termo, no âmbito das ciências médicas e psicológicas, em sua relação com a patologização das dissidências sexuais, nos permite acompanhar as condições e possibilidades para algo em torno dos processos de regulação das idades. É importante ainda destacar a evocação da gerontofobia na modernidade ocidental, partindo de alguns momentos do filme que ilustram a produção das diferenças etárias e da guerra entre as gerações. Neste trabalho, lançamos alguns elementos para pensar o desgoverno das idades em relação com a sexualidade e as fugas apaixonadas em meio às práticas de institucionalização da velhice, apontando para a invenção de contracondutas capazes de deslocar nossos códigos visuais e incitar uma nova sensibilidade na trama das relações intergeracionais e homoeróticas.

DESENVOLVIMENTO: *UMA CENA DIFERENTE*

Abre-se a cortina que separa os leitos do quarto 257. O gesto é de Lake, um rapaz branco, cabelos pretos, que começou a trabalhar há pouco tempo nessa instituição de longa permanência. Descortina uma cena em um centro de cuidados para pessoas idosas. Está de pé e veste um uniforme azul. No peito, do lado esquerdo, estão bordadas as palavras *Coup de Coeur*, nome do estabelecimento canadense. Em seu pescoço brilha a corrente fina de um crucifixo dourado. “Quem é você?” – pergunta uma voz meio rouca, vinda do paciente deitado à sua frente, um senhor negro de cabelos brancos. Da cama hospitalar, também uniformizado, mas com um anel de pedra azul e outro de pedra vermelha, Melvyn olha para cima, as sobrelhas franzidas interrogando o funcionário. “Eu sou o Lake. Me pediram para te dar... Para te ajudar a se limpar” – ele responde, um sorriso gentil, antes de trazer a mesinha móvel que carrega a bacia, cheia de água, e algumas toalhas. Melvyn sustenta o olhar desconfiado, mas colabora quando o rapaz começa a despi-lo, tirando a camisa, botão por botão, e depois a calça. A cama ajustável range enquanto Lake gira a manivela para deixá-la plana.

Ele coloca uma esponja na mão direita, presa por um elástico. Com cuidado, começa a passá-la nos braços do paciente, que fecha os olhos para se entregar ao banho, naquela espécie de inércia das atitudes cotidianas, relaxando aos poucos. A esponja acaricia a mão esquerda de Melvyn. Uma música começa a soar. O ritmo lembra a batida de um coração. É então que alguma coisa passa a acontecer. A câmera se aproxima e fica mais lenta, mostrando os lábios de Lake entreabertos, a luz suave entrando pela janela, o movimento repetitivo do corpo, para frente e para trás, o rosto de Melvyn, quase concentrado, a esponja afagando o corpo, a clavícula, o pescoço, o peito, alguns pelos brancos, veias visíveis, finas, verdes e roxas, em plano fechado. Na medida em que é tocada pela leve fricção, a pele vai ficando coberta de uma espuma clara. Lake o segura com delicadeza, o antebraço enrugando sob os dedos firmes, enquanto ao fundo, junto à batida, começamos a ouvir uma respiração. Como escrever essa respiração? Não está ofegante. É um sopro de fruição. Agora é Lake quem fecha os olhos, prazerosamente, pendendo a cabeça para trás. Assistimos sua boca se abrindo, os dentes frontais separados, sua língua se movimentando de maneira quase imperceptível. A esponja vai ficando desfocada, as mãos se misturando com a luminosidade. Um último suspiro. A música aumenta. Um acorde de piano. A tela toda em branco.



Gerontophilia é um termo médico que foi cunhado em 1901 por Richard von Krafft-Ebing (JANSSEN, 2014). Autor do livro *Psychopathia Sexualis*, o psiquiatra classificou uma grande variedade de casos a partir de diversas condutas eróticas, tornando-se um dos grandes nomes da patologização das práticas dissidentes da hegemonia da heterossexualidade reprodutiva, a única considerada verdadeiramente saudável e natural, baseada no paradigma da diferença sexual (PRECIADO, 2020; DORLIN, 2021). No começo do século XX, a gerontophilia, definida por ele como um fetichismo de idade, era amplamente considerada pelos médicos como uma complicação da homossexualidade, também definida enquanto doença (JANSSEN, 2015), podendo suas causas serem tanto degenerativas ou hereditárias quanto acontecimentos impressionantes na infância. Depois de décadas com a elaboração teórica sobre o assunto relativamente estacionada, logo após a publicação – em 1980 – do DSM III, esse termo foi retomado por John Money, psicólogo e sexólogo conhecido por ter criado o conceito médico de gênero em suas pesquisas com bebês intersexuais, que descreveu a gerontophilia como uma parafilia em que um jovem adulto é dependente da atividade sexual, fantasiada ou real, com um parceiro muito mais velho para se excitar e alcançar o orgasmo (MONEY, 1981). Desde o título do filme, então, o diretor já nos coloca em conexão crítica com os discursos médicos e psicológicos sobre as dissidências sexuais.



No decorrer da narrativa, vamos notando alguns dos rastros deixados pela patologização das relações intergeracionais e homoeróticas, como nos momentos em que essas práticas são vigiadas, punidas e medicalizadas, tratadas com nojo, pavor e desprezo, tomadas como algo de errado, como loucura e como segredo. Na imagem acima, vemos a reação de duas meninas quando Lake, trabalhando como salva-vidas em uma piscina, socorre um homem idoso com uma respiração boca a boca. Quando Marie, mãe de Lake, descobre o envolvimento do filho com Melvyn, ela fala: “Você e aquele velho... não é correto”. Mas o título do filme é também uma provocação em direção à nossa gerontofobia, ao desprezo da modernidade pelas pessoas mais velhas, que foi propagado pelo colonialismo e pelo capitalismo e que nem sempre foi assim, nem é assim em todos os lugares, incidindo diferentemente em termos de gênero, sexualidade, raça, classe e capacidade, a depender sempre do contexto e com focos de resistência a serem considerados. Gerontophilia, etimologicamente, é a amizade ou o amor pelo mais velho, o que já levanta, de saída, uma pergunta sobre a produção da inimizade e do ódio entre as gerações (GULLETTE; TATO, 2010; SKLIAR, 2007).

Assim como gênero, sexualidade, raça e classe, consideramos a idade como uma categoria política que organiza a vida, fixa possibilidades e tem sua própria história (POCAHY, 2012). A história da velhice na modernidade ocidental se mistura à história das tecnologias disciplinares e biopolíticas. A partir das técnicas de poder centradas na individualização do corpo, através da distribuição do espaço e da organização do olhar, visando a uma otimização das forças e uma racionalização das hierarquias, mas também

daquelas massificantes, centradas na regulamentação da espécie, que operam uma estatização dos processos vitais, a velhice é criada, no século XIX, como uma fase da vida à parte, designando uma população, um objeto de saber e um alvo de controle. Em pleno momento de industrialização, junto aos acidentes, às enfermidades e às anomalias, a velhice se torna um problema análogo a uma incapacidade. Partindo do pressuposto de uma fragilidade física, deixada portanto de fora do circuito das atividades produtivas, vão sendo criados para ela mecanismos não somente de seguridade e poupança, mas também de assistência (FOUCAULT, 2010), como as instituições de longa permanência para pessoas idosas.



Esses estabelecimentos são herdeiros dos grandes hospitais gerais, tendo passado por um processo de especialização similar ao dos hospícios, das prisões e de outras instituições de reclusão. A prática de asilamento dos velhos é assim legitimada por um conjunto de instituições e discursos, fazendo com que esses espaços se tornem um local privilegiado para a produção das imagens da velhice ao conferir um lugar geográfico e simbólico para essa população: “A velhice iniciaria o século XX intimamente ligada às instituições; e, desde então, a experiência de envelhecer se ligaria – mesmo que apenas como temor – à iminência do asilamento” (GROISMAN, 2015, p. 189). Nesse sentido, o filme nos mostra algumas imagens-em-movimento de exclusão e de violência em direção aos corpos velhos, especialmente aqueles confinados em

instituições de longa permanência como *Coup de Coeur*, onde eles são contidos por amarras mecânicas e químicas quando quebram as regras estabelecidas.

Na história da cultura ocidental, a velhice foi geralmente encarada com pessimismo e hostilidade, estigmatizada como um mal, uma imperfeição, uma decrepitude, um momento de perda e privação, um peso para si e para os outros (MINOIS, 1989; TÓTORA, 2013). Especialmente com a instauração moderna, a partir do darwinismo, de uma temporalidade evolutiva, e com a transposição da sua lógica das espécies ao desenvolvimento dos indivíduos, se a adultez passa a ser positivamente considerada como ápice do movimento ascendente do curso da vida, a velhice passa a ocupar o lugar da sua dimensão descendente, tomada negativamente como uma involução ou uma degeneração que só poderia estar conjugada à doença e à morte (BIRMAN, 2016). No âmbito dessa temporalidade evolutiva, a lógica desenvolvimentista da maturação entende a passagem da adolescência para a adultez como o fim da dependência infantojuvenil, que seria conquistado através da assunção de responsabilidades, como o casamento heterossexual, a criação dos filhos e o sustento da família, podendo ser caracterizada, portanto, também como uma temporalidade reprodutiva – de modo que Lake está se descarrilando do percurso idealizado. Nessa teleologia heteronormativa do percurso vital, uma vida longa é o futuro desejável (HENNING, 2016).

Apesar de reconhecemos a importância de pensar a longevidade igualitária como um direito humano (GULLETTE; TATO, 2010), quando uma vida longa se torna um imperativo, se opera uma desvalorização ou mesmo uma patologização dos modos de vida alternativos, que divergem das assertivas relacionadas à longevidade, das prescrições de uma vida saudável, mas também do estabelecimento dos elementos da conjugalidade e da parentalidade heterossexuais como finalidades, como aquilo que dá ordem, sentido e propósito ao percurso de uma vida (HENNING, 2016). Há um momento em que Melvyn diz já ter sido casado uma vez, “se você pode acreditar nisso”. Quando Lake pergunta se foi com uma mulher, ele responde: “Naquela época era a única opção, estávamos nos anos 70. Mesmo no mundo do teatro, se você não estava casado depois dos 40 anos, tinha algo de errado com você”. Até mesmo tiveram um filho, mas depois de dois anos se divorciaram: “A partir daí, eu fui um solteiro convicto”.

A realização de determinados alvos se torna, assim, algo de obrigatório e inescapável para alcançar uma ideia de plenitude existencial, instalando uma vida “normal” como receita de felicidade a partir de determinados códigos de comportamento. O velho que escapa dessa modalidade – heteronormativa – de governo de si e autovigilância, a partir da inteligibilidade medicalizada da “terceira idade”, é então culpabilizado pela própria decadência e pelo próprio descuido (SANTOS; LAGO, 2016; HENNING, 2016), ou mesmo pelo próprio abandono. A perda de habilidades (cognitivas, físicas, emocionais) consideradas necessárias para um exercício pleno da cidadania e do direito à cidade é desse modo atribuída às transgressões do indivíduo contra sua própria vida, fazendo com que a questão social do envelhecimento seja privatizada, transformada em um problema pessoal ou familiar (DEBERT, 2013). Com efeito, a certa altura, descobrimos que Melvyn fora internado nessa instituição de longa permanência por seu filho, que pagava por sua estadia naquele espaço, mas que há anos já não mantinha qualquer contato com ele – Melvyn não havia sido nem mesmo apresentado aos seus netos devido à vergonha do filho, que nunca gostou da ideia de ter uma bicha velha [*old queen*] feito ele como pai.

Na figuração hegemônica da velhice na cultura ocidental, o único papel permitido e aceito para as pessoas velhas, condenadas ao dualismo de serem veneradas ou odiadas, é de uma sensatez sem debilidades, sem direito ao mínimo erro, devido a uma experiência supostamente acumulada ao longo da vida. O menor desejo carnal é assim interdito, com o risco de cair numa dimensão de repugnância (MINOIS, 1989), como na fala da mãe de Lake sobre a relação entre ele e Melvyn. A consideração de que a sabedoria – com sua carga de acúmulo de conhecimentos, de capacidade para julgamentos corretos e reflexões ponderadas, baseada na razão como controle das emoções – seria um ganho trazido pela passagem do tempo acaba portanto por dificultar a luta contra a discriminação das pessoas mais velhas. A raiva e a fúria aparecem, nesse contexto, barradas do campo da velhice, em nome de um distanciamento neutro e imparcial, fazendo com que a indignação contra os preconceitos sofridos seja vista não em sua potência política, mas como uma irritabilidade própria ao avanço da idade, passível de medicalização (DEBERT, 2013). Por isso, as descrições psicopatológicas da velhice (BIRMAN, 2016) variam da melancolia – pelos sentimentos de ressentimento, esvaziamento e ira – à paranoia – se enxergando como vítima do mundo – e à mania – como se estivesse ainda “agindo como jovem” – como formas de explicação

individualizante do que são, antes, os efeitos de uma depreciação social sistemática. Essa é uma das leituras possíveis das várias cenas em que a inconformidade de Melvyn com sua institucionalização, sua recusa da posição de paciente, é reiteradamente medicalizada – Lake o encontra em diversos momentos dopado com o uso excessivo de remédios, empurrados à força pela equipe do estabelecimento.

Há uma cena, por exemplo, em que Melvyn está andando por uma loja enquanto Lake conversa com a atendente no caixa. A atendente diz: “Que velhinho fofo. Meu próprio avô é mal como uma cobra. Meus pais colocaram ele em alguma casa de aposentadoria, *Sunny Valley* ou algo assim. Mas eu não os culpo, no caso dele o abuso ao idoso seria totalmente justificado”. Cenas como essa, entretanto, são apresentadas em *Gerontophilia* de modo a nos fazer desnaturalizar o que se passa e nos fazer pensar o quanto reproduzimos no cotidiano essas relações de abjeção e de tutela, que dizem tanto da nossa valorização da juventude quanto do nosso medo de envelhecer. Mas o título do filme não é “gerontofobia”. O título nos coloca numa posição específica: gerontophilia é a amizade e o amor pelo mais velho. E também o desejo.

A primeira metade do filme se passa dentro dessa instituição de longa permanência, um centro de cuidados para pessoas idosas, que o próprio chefe chama pejorativamente de “rancho das rugas”, mas que oficialmente se chama *Coup de Coeur*. Essas palavras – em francês – podem ser traduzidas literalmente por “golpe de coração”, o que pode nos remeter à morte, mas é uma expressão para “queda”, no sentido de uma afeição forte e repentina, como em: “Eu tenho uma queda por ele”. Então *Coup de Coeur* é o nome de uma instituição de violência que produz uma espécie de “noite dos mortos vivos”, como Lake define, é um “hospital de terror”. Mas *Coup de Coeur* é também um outro nome para a paixão. Agencia-se aqui uma heterotopia – um espaço outro no interior de um lugar para o qual não se estaria destinado o prazer, a expansão, a potência de vida, o erotismo. A cena abaixo nos movimenta nesta direção: o quarto como heterotopia, ao menos por um instante, uma cena diferente – produzindo diferença.



Em linhas gerais, *Gerontophilia* acompanha um momento da vida de Lake, um jovem de 18 anos que parece um pouco sem rumo (ideia bastante partilhada nas concepções normativas ou descontextualizadas da juventude). Ele não tem qualquer perspectiva de conseguir pagar uma faculdade e trabalha como salva-vidas num clube de natação, o que também não é o que ele gostaria de fazer da vida. Ao mesmo tempo em que vai notando uma atração pelos corpos velhos, seja na rua ou na piscina, que ele exercita a princípio num caderno, através de desenhos que ele faz, sua mãe anuncia que ofereceram pra ela um emprego nessa instituição de longa permanência para pessoas idosas, e que talvez ela consiga uma vaga para Lake. Ele se interessa e logo começa a trabalhar lá. Já nos primeiros dias, chamam a atenção dele por não fazer as tarefas, dizendo que confraternizar com os pacientes não é o trabalho dele. E mesmo assim Lake insiste nesse outro modo de se relacionar, e vai andando pelos corredores com um sorriso curioso no rosto, de quem está descobrindo um novo mundo, ao mesmo tempo arriscado e cheio de durezas, mas também de outras suavidades. Porque é lá que ele conhece Melvyn, um senhor de 81 anos, paciente da instituição. É lá que eles caem um pelo outro e se transformam em amigos e amantes. E é de lá que eles fogem juntos.

Uma paixão im/possível? Retornemos ao banho de esponja, narrado no começo deste texto, que é justamente o momento em que eles se conhecem, é o primeiro encontro entre os dois. Podemos dizer que *Gerontophilia* nos apresenta, nessa cena, de um modo poético, delicado e sensível, um deslocamento das técnicas de construção do realismo pornográfico (DORLIN, 2021): ao mesmo tempo em que evoca essas

estratégias audiovisuais, por exemplo, através dos planos fechados, da fragmentação do corpo e da respiração audível indicando prazer, não há qualquer enquadramento dos órgãos genitais, muito menos de alguma ejaculação. Ao contrário, assistimos em tela a apresentação de uma prática contrassexual (PRECIADO, 2014), que mostra outras verdades sobre o corpo, reelaborando suas condições materiais de possibilidade. O êxtase é ali um exercício de montagem, não só como parte de um filme, mas como agenciamento entre os corpos, o espaço e os objetos, que desestabiliza as noções tradicionais sobre sexo, natureza e artificialidade. Ao toque da esponja, toda a pele se transforma em superfície erótica.

Tais considerações nos permitem reconhecer a importância de elaborarmos saberes críticos sobre as diferenças corporais, que resistam aos processos de discriminação, exclusão e patologização dos sujeitos considerados incapacitados, numa crítica às normas corporais e sexuais e aos imperativos de produção e reprodução da espécie (PRECIADO, 2020). Isso implica em “reconhecer que a pessoa idosa tem necessidades, incluídas as necessidades físicas, e permiti-la que as satisfaça, mais do que decretar que o idoso é um sábio e querer obrigá-lo que o seja” (MINOIS, 1989, p. 400, tradução nossa). Por outro lado, confundir a velhice com a doença e com a morte é também a declaração prematura de uma morte social. Uma alternativa muito mais interessante seria a ênfase nas conexões, nas reciprocidades, nos vínculos e nas influências mútuas entre as gerações (GULLETTE; TATO, 2010), o que também nos leva à afirmação de uma potência política da velhice, de uma ética e uma estética que podem ser conduzidas à revelia das formas de tutela e gestão da vida (SANTOS; LAGO, 2016). Nessa proximidade com o risco e a intensidade, rumo à experiência de *algo forte demais* (TÓTORA, 2013), “uma nova cena é instaurada. O teatro do julgado grotesco, aquele do abominável, do precário e do desprezível, exhibe a sua beleza e uma sedução que enfraquecem a ficção normativa” (POCAHY, 2012, p. 365).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DES(A)FIANDO AS TRAMAS GERACIONAIS

Apoiados nas considerações de Paul B. Preciado (2020) sobre a construção política do olhar, consideramos os filmes não como representações, mais ou menos fiéis ou verdadeiras, de uma sexualidade preexistente, mas como tecnologias produtivas, como dispositivos que inventam e difundem a sexualidade como imagem visível. As

técnicas da fotografia e do cinema, surgidas em torno da mesma época que o conceito de gerontofilia, foram historicamente utilizadas como aparatos de inscrição e controle. Enquanto a família heterossexual branca era reproduzida e romantizada pelo cinema comercial e pela publicidade, no final do século XIX e ao longo do século XX, a imagem do homossexual estava sendo criada como um protótipo da patologia pelas equipes fotográficas dos hospícios e os corpos não brancos estavam sendo filmados de acordo com a linguagem da criminologia e da antropologia colonial. Essas técnicas traçaram e seguem traçando convenções políticas e regimes de visibilidade, hierarquias e códigos visuais que nos constroem enquanto sujeitos ao mesmo tempo em que designam os limites entre normal e abjeto.

Desde ao menos 1970, entretanto, as minorias políticas até então estigmatizadas por essas técnicas passaram a fabricar, elas mesmas, contraficções visuais capazes de deslocar e modificar nosso imaginário coletivo, questionando os modos de enxergar os limites entre norma e desvio, saúde e patologia, representação pornográfica e não pornográfica (PRECIADO, 2020). O cinema se torna, a partir de então, não apenas uma contraconduta, mas um contracondutor, um modo de expandir os sentidos e alargar as margens de liberdade, de maneira que corpos, desejos e prazeres se transformam em planos de dilatação da experiência e canalizam novos fluxos de subjetivação (POCAHY, 2020). É nesse sentido que *Gerontophilia* pode deslocar nossos códigos visuais e incitar uma nova sensibilidade na trama das relações intergeracionais e homoeróticas.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 22, p. 1267-1282, 2016.

DEBERT, G. G. Feminismo e velhice. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, pp. 15-38, meio/ago. 2013.

DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades**: introdução à teoria feminista. São Paulo: crocodilo / Ubu Editora, 2021.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GERONTOPHILIA. Direção: Bruce LaBruce. Produção: Nicolas Comeau, Leonard Farlinger, Jennifer Jonas. Canadá: Filmoption International, 2013.

GROISMAN, D. Duas abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 13, pp. 161-190, 2015.

GULLETTE, M. M.; TATO, A. M. Los estudios etarios como estudios culturales: más allá del slice-of-life. **Debate Feminista**, v. 42, n. 1, pp. 79-111, out. 2010.

HENNING, C. E. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 46, pp. 341-371, jan./abr. 2016.

JANSSEN, D. F. “Gerontophilia”: a forensic archaism. **Sexual Offender Treatment**, Viena, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.sexual-offender-treatment.org/130.html>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

JANSSEN, D. F. ‘Chronophilia’: entries of erotic age preference into descriptive psychopathology. **Medical History**, Cambridge, v. 59, n. 4, pp. 575-598, 2015.

MENEZES, L. Uma chance de envelhecer: os desafios para garantir longevidade à população negra. **Portal Metrôpoles**, Brasília, 29 set. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/materias-especiais/populacao-negra-enfrenta-desafios-para-garantir-longevidade>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MINOIS, G. **Historia de la vejez**: de la antigüedad al renacimiento. Madrid: Editorial NEREA, 1989.

MONEY, J. Paraphilias: phyletic origins of erotosexual dysfunction. **International Journal of Mental Health**, v. 10, n. 2/3, pp. 75-109, 1981.

POCAHY, G. A. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, pp. 357-376, 2012.

POCAHY, F. A. Gênero, sexualidade e envelhecimento: miradas pós-críticas na educação e/m saúde. **Momento: diálogos em educação**, Rio Grande, v. 28, n. 3, pp. 87-111, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8642>>. Acesso em: 07/12/2021.

POCAHY, F. A. Os filmes que habito: cartogenealogias do presente. **Athenea Digital**, Barcelona, v. 20, n. 2, pp. 1-22, jul. 2020. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v20-2-pocahy>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SANTOS, D. K.; LAGO, M. C. S. O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: rastreamentos genealógicos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 27, pp. 133-144, 2016.

SKLIAR, C. (2007). Notas para pensar la convivencia, la hospitalidad y la educación. In: LARROSA, J. **Entre nosotros**: sobre la convivencia entre generaciones. Barcelona: Fundació Viure i Conviure; Caixa Catalunya Obra Social, 2007, pp. 66-83.

TÓTORA, S. M. C. Genealogia da velhice. **Revista Ecológica**, v. 6, pp. 4-21, 2013.